

Locutor da Rádio Globo diz que rádio não morreu - entrevista com José Carlos Araújo

"O Rádio não morreu ... Pelo contrário, ele foi encontrando novos rumos, sempre se modernizando no seu formato. Aposto que, com a chegada da era digital, e, conseqüentemente, com uma melhor qualidade de som, ele vai crescer mais ainda. Rádio, além de companheiro, é, também, um excelente prestador de serviço". Essa foi apenas uma das declarações que o locutor esportivo e apresentador da Rádio Globo, José Carlos Araújo, deu durante o "Papo na Redação", que aconteceu nesta quarta-feira (03/09).

Assuntos como rumo da profissão de radialista, públicos de AM e FM, era digital e, é claro, futebol, foram alguns que o "Garotinho" conversou com os participantes do chat. Essa foi a terceira vez que José Carlos Araújo participou de um bate-papo. "Este foi diferente! O assunto dessa vez não ficou só em cima de futebol. Pude conversar com colegas e estudantes sobre o meio do rádio e sobre minha experiência profissional", disse ele ao Comunicar-se.

Leia abaixo, na íntegra, o "Papo na Redação" com José Carlos Araújo:

Sergio Lobo Filho (Repórter - Globosat - RJ) pergunta para José Carlos Araújo: Garotinho, você acha que a TV de uma forma geral está ocupando um espaço que o rádio sempre ocupou, por estar fazendo o que o rádio sempre fez (no caso o imediatismo) com uma qualidade melhor?

JCA: Acho que até fechada, no caso o canal SPORTV, sim. Consegue, principalmente aos domingos, ter a mesma velocidade do rádio, e com a vantagem da imagem, né Sérgio...

Ricardo Ribeiro (Assessor de Imprensa - Prefeitura Municipal de Juiz de Fora - MG - Juiz de Fora) pergunta para José Carlos Araújo: Boa tarde, José Carlos. Parabéns pelo trabalho desenvolvido durante toda a sua carreira. Você merece. Gostaria apenas de registrar que a idéia da Maria Chuteira parece boa, mas acaba ficando muito vulgar. As tiradas ficam sem graça e tiram um pouco da emoção do jogo. O que você acha?

JCA: Confesso que às vezes pode haver um certo exagero. Mas a idéia surgiu exatamente com o propósito de se renovar aquele formato de apenas transmitir um jogo de futebol. Hoje, temos a consciência da apresentação de um grande "show", que tem, no meio, a partida de futebol com toda fidelidade que exige qualquer evento jornalístico.

Amaro Rocha Nascimento Neto (Âncora / Apresentador TV / Rádio - Rádio Espírito Santo - ES) pergunta para José Carlos Araújo: José Carlos, primeiro um abraço de todos da equipe de esporte da Rádio Espírito Santo AM, Vitória.

JCA: Obrigado, Amaro. Tenho um carinho muito especial pela galera do Espírito Santos, que nos acompanha em todas as jornadas.

Auricélia De Paula Rodrigues (Freelancer) pergunta para José Carlos Araújo: Boa tarde, José Carlos Araújo. Houve uma época em que muita gente apostava que o rádio não teria futuro e hoje ele toma novo fôlego. O que você tem a dizer sobre isso a uma fã do rádio, como eu?

JCA: Olha, Auricélia. O Rádio não morreu em nenhum país. Pelo contrário, ele foi encontrando novos rumos, sempre se modernizando no seu formato. Aposto que, com a chegada da era digital, e, conseqüentemente, com uma melhor qualidade de som, ele vai crescer mais ainda. Rádio, além de companheiro, é, também, um excelente prestador de serviço.

Alec Duarte (Colunista / Comentarista / Crítico - Folha Online - SP) pergunta para José Carlos Araújo: Zé Carlos, conta um pouco sobre a disputa judicial entre você e o então prefeito Garotinho pelo uso do

apelido.

JCA: O que houve foi o seguinte: o Anthony foi meu estagiário na Rádio Nacional, do Rio, entre 80 e 81. Ele era de Campos e lá transmitia o futebol me imitando. Daí, ele ter chegado ao Rio pelas mãos do repórter Eraldo Leite, que comigo trabalhava. Quando entrou para a política, achou de me processar para me tomar a marca. Perdeu na Justiça Estadual e na Federal. Aí, me pediu e cedi para o uso nas classes de 38 a 41, na área de Comunicação. Ele era o Garotinho de Campos, só que a marca eu havia registrado em 82, junto ao INPI. Foi isso aí.

Sergio Lobo Filho (Repórter - Globosat - RJ) pergunta para José Carlos Araújo: Se acha que sim, qual o motivo dessa queda do veículo Rádio? Um grande abraço, Sergio Lobo.

JCA: Sérgio, falta mais criatividade, não só no rádio, mas também na TV. Às vezes, há que se ter coragem para lançar uma idéia nova e ter paciência para emplacar. Quando se muda constantemente uma novidade, o risco é muito grande de se perder o público cativo da emissora e não conquistar um novo. A minha larga experiência tem mostrado isso.

Vicente Lucarelli Dattoli (Assessor de Imprensa - Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro - RJ) pergunta para José Carlos Araújo: Grande Garotinho... saudações pedrosegundistas você não acha que as rádios estão abusando do geladão? Sei que o mercado está complicado, a grana curta, mas esse tipo de cobertura não acaba por desvalorizar o serviço?

JCA: Concordo com você, Vicente. Antes de mais nada, que saudade do nosso Pedro II... O "geladão" é uma saída, mas tira a credibilidade até mesmo do comunicador. Quanto mais as televisões - a Globo em especial - capricham nos detalhes, menos jogo se tem para narrar. O importante é não mentir. Se é "geladão", eu faço questão de frisar que é um "serviço especial". Um abraço, garotinho!

Karla Foureaux (Assessor de Imprensa - Invent - RJ) pergunta para José Carlos Araújo: Como vocês conseguem (com sucesso) compensar a falta da imagem no rádio, transmitindo a mesma (ou maior) emoção em transmissões esportivas?

JCA: Eu aprendi, minha cara Karla, que as imagens criadas pelas palavras são, muitas vezes, mais ricas do que as que pintam na telinha. Ainda recentemente, fazendo uma palestra no "Benjamin Constant", só para deficientes visuais, tive a confirmação deste conceito. Daí, o saudoso Nelson Rodrigues dizer que o "vídeo-tape" é burro...

Fátima Nascimento* (Funcionária Pública - TJ) pergunta para José Carlos Araújo: Boa tarde! Qual a sua opinião sobre o número de pessoas que se dizem radialistas, mas que atuam em rádios piratas (rádios que não têm ainda autorização para funcionarem como comunitárias)?

JCA: Fátima, eu sou favorável às rádios comunitárias. Mas, cá pra nós, rádio pirata é outra coisa. O pior é que elas aparecem por aí e a Polícia Federal, encarregada da fiscalização, não tem como meta principal este tipo de trabalho. A legislação está sendo burlada vergonhosamente, e, o pior, com o respaldo de alguns políticos, acreditando que venhamos a legalizá-las, como aconteceu em Portugal.

Patrícia Miranda (Estudante) pergunta para José Carlos Araújo: Boa tarde José Carlos. Gostaria de saber como você lida com a rapidez do rádio. As vezes ela atrapalha. Apesar de radialista serem privilegiados podendo passar notícias em primeira mão, muitos copiam dos jornais impressos.

JCA: Olha Patrícia, hoje em dia, com a diversidade de meios de comunicação, o jornalismo está cada vez mais vivo em rádio. E exatamente por poder explorar a sua velocidade. No futebol, por exemplo, desde a Copa de 90, na Itália, com um simples telefone celular você dá a notícia do local, com toda a fidelidade.

Não há mais lugar para a "gilete press". Pode crer!

Ricardo Ribeiro (Assessor de Imprensa - Prefeitura Municipal de Juiz de Fora - MG - Juiz de Fora) pergunta para José Carlos Araújo: Garotinho, por que o Maurício Menezes deixou a Rádio Globo? Você e o Apolinho se desentenderam e por isso terminou uma das melhores parcerias do rádio brasileiro?

JCA: Não foi bem assim, Ricardo. O Maurício voltou para Juiz de Fora, terra dele, depois de muitos anos ao meu lado, inclusive como homem da minha confiança. É um profissional admirável, e de um caráter indiscutível. Ele está concluindo o curso de Direito e transmitindo em FM. Além do mais, volta à carreira política, sendo candidato a vereador. Quanto ao Apolinho, jamais brigamos. Nossas famílias estão sempre juntas e eu sou padrinho do filho mais novo dele, o Bruno, que hoje trabalha na SUDERJ.

Fátima Nascimento* (Funcionária Pública - TJ) pergunta para José Carlos Araújo: Sobre a sua resposta quanto à questão do uso do nome Garotinho, não compreendi o que quis dizer quando falou: "...cedi para uso nas classes de 38 a 41, na área de comunicação". Pode explicar?

JCA: É que o Dr. Sérgio Lúcio, na época juiz titular de Décima Sétima Vara Cível do Estado do Rio de Janeiro, bateu o martelo que somente eu poderia usar a marca GAROTINHO em programas de rádio, TV, ou similar. Ele teria de usar Anthony Garotinho, o que não agradava ao político em campanha permanente até mesmo em pregações nas Igrejas. As classes de 38 a 41, no INPI, dizem respeito a programas de rádio, TV, etc. Deu pra entender, agora?

Mário Moura (Profissional Contratado - INB) pergunta para José Carlos Araújo: Garotinho, permita-me a intimidade, você não acha que a vertiginosa queda de audiência do futebol no rádio, especialmente, deve-se, além da crônica desorganização do decadente futebol Carioca, à falta de renovação dos quadros nas rádios - Luis Mendes, por exemplo, está desafiando o tempo -, à falta de criatividade e, o que é pior, a falta de credibilidade dos radialistas que cobrem o esporte?

JCA: Mário, a queda tem sido do universo do AM, como um todo. Lógico que a fase atual do futebol carioca interfere diretamente no nosso produto final, mas acho que está na hora - e eu tento há uns quatro anos - de se criar um formato diferenciado para o FM. Não se limitar a transmitir o formato do AM em FM. Aí, não. A falta de renovação deve-se, principalmente, aos baixos salários que o mercado tem oferecido. Agora mesmo, quando a RADIOBRÁS demite um punhado de profissionais, tomo conhecimento que vai abrir concurso para diversos cargos, inclusive de locutor. Sabe qual é o salário? Pouco mais de 600 reais...

Daniel Varsano (Estudante - textual) pergunta para José Carlos Araújo: Garotinho, quem é o grande narrador de futebol no momento?

JCA: Daniel, todos que eu conheço são da melhor qualidade. Não é querer ficar em cima do muro, não. Mas aqui mesmo na Globo, eu sou fã do Oscar Ulisses, do Edson Mauro, do Gilson Ricardo e do Evaldo José. Em São Paulo tem também o José Silvério e o Éder Luís, que além de meus amigos, têm um ótimo nível profissional. As pesquisas mostram isso, tá?

Valmir Moratelli Cassaro (Repórter - Editora Globo - RJ) pergunta para José Carlos Araújo: Qual o papel da rádio num mundo cada vez mais dominado pela importância da Internet? Como o rádio pode se posicionar frente a estas novas mudanças?

JCA: Olha Valmir, o rádio jamais terá a INTERNET como seu concorrente direto. São mídias diferentes, totalmente. É o mesmo que se afirmar que a INTERNET acaba com os jornais diários. Não tem nada a ver. Eu, particularmente, sou vidrado no rádio por uma simples razão: ele pode e consegue trabalhar a emoção.

Juliana Szymanski (Profissional Contratado - Secretaria de Estado de Esportes) pergunta para José Carlos Araújo: O que você achou da convocação da Milene Domingues para a Seleção Brasileira feminina? Você acha que ela está com essa bola toda, em detrimento das jogadoras que atuaram no Pan??? Ou ela atrai marketing para o futebol feminino?

JCA: Juliana, eu não conheço a bola da Milene - no bom sentido, tá? - mas parece ser uma grande jogada de marketing, não tenha dúvida. Com ela no time, as atenções estarão sendo voltadas para a mulher (ou ex?) do Ronaldinho.

Antônio Carlos Rocha da Silva Neto (Estudante - Faculdade IESB) pergunta para José Carlos Araújo: Qual o conselho que você daria a uma pessoa que ta iniciando na profissão agora? Como anda o mercado de trabalho? E por fim o que você acha dos estudantes que estão saindo das faculdades agora, estão bem preparados?

JCA: Caro Antônio Carlos, o primeiro conselho é fazer uma reflexão. Será que tem vocação para esse negócio? Precisa saber que é uma vida dura, sem domingo, sem feriado, e muita viagem... Precisa gostar, aliás, mais do que isso, amar... mesmo. O mercado, não é segredo pra ninguém, está cada vez mais achatado, e por isso é que encontramos profissionais de larga experiência desempregados. Sobre os estudantes que estão saindo das faculdades, agora, vou dizer o que tenho sentido aqui na Globo. Todos os estagiários que têm pintado aqui são de uma surpreendente qualidade. Pena é que o mercado não possa absorvê-los na totalidade.

Valmir Moratelli Cassaro (Repórter - Editora Globo - RJ) pergunta para José Carlos Araújo: Garotinho, você já cometeu alguma gafe engraçada no rádio? Conta pra gente...

JCA: Cometi, sim, Valmir. E a que mais me marcou foi em 1982, transmitindo para Portugal o jogo Portugal x Iran, eu troquei os times. Seguinte: a radiodifusão portuguesa nos pediu para transmitir, pois o jogo era pela Copa Independência e eles não mandariam nenhum profissional. A gafe: Portugal entrou de camisa branca e o Iran de grená. O jogo foi o Recife e eu cheguei no estádio quase em cima da hora do jogo, nem dando tempo de me preparar. Resultado: dei a vitória para o Irã por 3x0, ao invés de vibrar com os nossos irmãos portugueses. Que mico, cara!

Antônio Carlos Rocha da Silva Neto (Estudante - Faculdade IESB) pergunta para José Carlos Araújo: Referindo a demissão efetuada pela Radiobrás, você acha que as empresas estão visando a mão de obra barata e esquecendo da qualidade? Ou você outra visão sobre esse tema?

JCA: Olha Antônio Carlos, na atual crise eu vejo por aí mesmo. Todos estão visando a mão-de-obra mais barata. E, muitas vezes, deixando de lado a qualidade. No rádio, a maior prova disso é quase que uma padronização na comunicação das FMs. As jovens, então, você troca de sintonia e parece que é o mesmo locutor...

Fátima Nascimento* (Funcionária Pública - TJ) pergunta para José Carlos Araújo: Na sua opinião, qual critério é imprescindível para a concessão de emissora de rádio?

JCA: Fátima, qualquer critério que não levasse em conta a política partidária e nem as religiões. Pelo que eu vejo, a exemplo dos antigos cinemas das vias públicas, um político recebeu uma concessão anos atrás, em troca de algum "favor", e depois vende a emissora para uma religião eletrônica sem nenhum tipo de fiscalização. E o mercado de trabalho? Sobra sempre pra quem é do ramo...

Vicente Lucarelli Dattoli (Assessor de Imprensa - Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro - RJ) pergunta para José Carlos Araújo: Garotinho, você acha que esse sistema de disputa do

Brasileiro (turno e retorno) acaba sendo mais dispendioso para as emissoras e, com isso, atrapalha uma boa cobertura?

JCA: Que sai mais caro, Vicente, não resta a menor dúvida. E não é só pra nós, de rádio, não. Se levar mais algum tempo com o brasileiro, que termina em dezembro, e do jeito que os times estão "rifando" jogadores para o exterior, vamos acabar somente com times que disputaram a Taça Cidade de São Paulo, com alguns veteranos. Corre este risco.

Daniel Varsano (Estudante - textual) pergunta para José Carlos Araújo: Fala Garotinho!!!!!! O que você tem a dizer sobre a prática do "jabá" no rádio ou até no jornalismo em geral?

JCA: Daniel, jabá é uma instituição generalizada em todos os segmentos. É campanha política, é programação musical, mas acho que, no jornalismo que eu convivo, ele não existe. Até porque aqui no Sistema Globo há, na direção desta área, profissionais sérios como o Agostinho Vieira, a Mariza Tavares, o Giovanni Faria, além de uma direção-geral sempre atenta com um jovem que é o Rubens Campos... Jabá no jornalismo fica difícil, porque ele mostra logo a cara.

Antônio Carlos Rocha da Silva Neto (Estudante - Faculdade IESB) pergunta para José Carlos Araújo: Como o senhor vê a atual situação dos clubes do Rio de Janeiro? E qual a sua opinião sobre a saída de jogadores do futebol brasileiro a preço baixíssimos, ou num baixo escalão a preço de banana?

JCA: A situação dos clubes cariocas, no momento, meu caro Antônio Carlos, é reflexo dos desmandos de muitos anos atrás. Saca só que clubes cariocas dispõem de centros de treinamentos? Que clubes não têm ou nunca tiveram ligação com empresário(s) de futebol? E quanto aos precinhos ...

Valmir Moratelli Cassaro (Repórter - Editora Globo - RJ) pergunta para José Carlos Araújo: Quais os benefícios diretos o Pan-Americano trará aos cariocas, quanto à diversidade de esportes? Vc acha que haverá público interessado em assistir, por exemplo, ao hipismo ou nado sincronizado, esportes que não temos tradição?

JCA: Acho que sim, Valmir. Há pouco tempo atrás, o volei nem tinha tanta divulgação assim. Lembro-me bem que tudo começou com o Nuzman e o Luciano do Valle, pela Rede BANDEIRANTES. Tá lembrado? E como nós progredimos, cara!

Maurício Pereira Lomas (Diretor - Palavra Livre Assessoria de Comunicação - MG - Alfenas) pergunta para José Carlos Araújo: Esse negócio de rádio pirata é jogo duro mesmo, mas aqui pelo interior do Brasil não tem rádio sobrando para radialista trabalhar. Graças a Deus conseguir fazer o meu nome no rádio pelo Sul de Minas, mas faltou emissoras para trabalhar, daí fui parar na imprensa e hoje misturo turo em trabalho para a Unifenas. Você não acha que tem muita rádio na mão de político e por isso é bom que pinte uma alternativa para as rádios comerciais?

JCA: Acho também, Maurício. O chato é que radialista nem sempre pode ser radiodifusor (dono de rádio). E as alternativas para as rádios comerciais só depende dos empresários, de preferência bem assessorados por profissionais das diversas áreas.

Taís Picchi (Assessor de Imprensa - Prefeitura Municipal de Campinas - SP - Campinas) pergunta para José Carlos Araújo: José Carlo, boa tarde! Você acredita que o rádio, jornalisticamente falando, é pouco explorado no que se refere ao formato dos programas, diferente com o que acontece com os musicais?

JCA: Taís, o importante do jornalismo em rádio é dar oportunidade de participação aos nossos ouvintes. Ou seja, interagindo, você dá emoção e multiplica as opiniões, fazendo com que as "cabecinhas" funcionem e formem uma opinião sobre determinado assunto. Quanto mais participação da galera, no

meu modo de ver, mais emoção no ar e menos fria (monótona) fica a tua programação.

Valmir Moratelli Cassaro (Repórter - Editora Globo - RJ) pergunta para José Carlos Araújo: Boa tarde, José Carlos. Você concorda que as rádios de notícia têm que passar por uma transformação de linguagem, para ser capaz de atrair mais os jovens? E como aproveitar as novas tecnologias vindas com a Internet para a melhoria da qualidade da produção radiofônica?

JCA: Concordo com você, Valmir, a começar pela inclusão no FM, aqui no Rio, de uma emissora de notícias. São Paulo já tem a CBN. Mas os cariocas são "entubados" no "dial" com apenas 4 tipos de rádio: as de música jovem, as populares, as "lights" e as "religiosas". Essas últimas são as que mais me assustam.

Daniel Varsano (Estudante - textual) pergunta para José Carlos Araújo: José Carlos, você acha que as universidades preparam bem o futuro jornalista para trabalhar no rádio ou o enfoque é totalmente visando o jornalismo impresso e televisivo?

JCA: Daniel, pelo que eu tenho sentido nas minhas andanças pelas universidades, sinto que o rádio AM é muito pouco conhecido pela galera. Uma exceção apenas: as transmissões de futebol. A grande maioria se liga mesmo é no FM. Por isso, torço para que a era digital chegue o mais rápido possível. Aí, o AM terá a qualidade do FM de hoje e este terá qualidade semelhante a do CD.

Fátima Nascimento* (Funcionária Pública - TJ) pergunta para José Carlos Araújo: Hoje em dia tem muita FM com cara de AM, ou seja, com programas de entrevistas e transmissão de futebol, por exemplo. O que pensa sobre isso?

JCA: Fátima, não tem muita FM com a cara de AM, não. Com qualidade baixa, até eu concordo. As entrevistas, os horóscopos, estes já fazem parte do FM matinal, é verdade. E o futebol até que não entrou no FM como deveria. E quando o fizer, se for com a nossa humilde colaboração, tenha a certeza de que teremos um produto todo renovado.

Valmir Moratelli Cassaro (Repórter - Editora Globo - RJ) pergunta para José Carlos Araújo: Garotinho, hoje um profissional de Rádio tb sai formado em TV - o curso chamado Rádio e TV (antigo Radialismo). Fazer esta junção para a preparação do futuro profissional é uma boa saída para se criar oportunidades num mercado tão saturado, como é o da comunicação? Ou esta é uma mistura de água e óleo?

JCA: Acho que rádio é um veículo muito diferente da TV. Até mesmo na sua linguagem. Aprendi com o saudoso Mestre Aurélio Buarque de Holanda, de quem fui aluno de Português durante sete anos no Colégio Pedro II, que devemos ser o mais simples e objetivo possível na hora de se comunicar com o povo, de uma forma geral. E o segredo está em encontrar o ponto ideal para atingir todas as classes. Deu pra sentir?